

Homo Deus: o impacto do hiperfluxo das informações no rumo da humanidade

Por Carlos Gonçalves¹

O historiador israelense Yuval Noah Harari lançou recentemente dois livros que se tornaram best-sellers de repercussão internacional: *Sapiens: Uma breve história da humanidade* (2014) e *Homo Deus: uma breve história do amanhã* (2016). O autor nasceu na cidade de Haifa, norte do país, em 1976. Obteve o título de Doutor pela Universidade de Oxford em 2002. É professor do Departamento de História da Universidade Hebraica de Jerusalém e especialista em História Mundial, Medieval e Militar.

Além disso, como demonstra o título de sua última obra, *Homo Deus: uma breve história do amanhã*, o autor tem direcionado suas investigações de pesquisa para questões do seu campo de saber numa abordagem interdisciplinar, englobando as áreas da biologia, antropologia, neurociência e teoria da informação.

Primeiramente, deve-se salientar a qualidade da escrita, a capacidade de Harari em demonstrar ideias complexas de modo claro, bem como a amplitude de áreas de conhecimento que são articulados ao longo deste trabalho. Ressalta-se ainda a pertinência dos apontamentos; vivemos num mundo *hipermoderno*, no qual os avanços tecnológicos aplicados à produção e comunicação, deverão mudar radicalmente os laços sociais no decorrer do presente século XXI.

No longo capítulo de introdução – *A nova agenda humana*, o autor argumenta que na história da nossa espécie três males atormentaram todas as civilizações: a fome, a peste e a guerra. Segundo o historiador israelense, o homem adentra o milênio com estas questões “tecnicamente” resolvidas. Evidentemente diz isso comparando o presente com o passado e fazendo

¹ Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
Submetido em Janeiro de 2016, Aprovado Janeiro de 2016, Publicado Jan 2017

ressalvas desta polêmica afirmação (no meu ponto de vista, contra-argumentos insuficientes tendo em vista a *realidade planetária economicamente desigual*).

Mediante este cenário positivo, o homem começa a esboçar voo de grande fôlego em busca de três projetos/conquistas: a existência vitalícia, a felicidade total e, consequência destes, atingir “poderes divinos de criação e destruição e elevar o homo sapiens à condição de Homo Deus” (HARARI, 2016, p.55). A base dessa conquista final está focada no alto desenvolvimento da biomedicina e da inteligência artificial que deverão prever e controlar a vida humana segundo suas bases de pesquisa.

Durante boa parte do texto, o autor se utiliza do conceito – algoritmo, tão importante ao percussor da informática, o britânico Alan Turing, que significa a sequência direta e finita de instruções num campo de informação. Os algoritmos estão na base dos programas de computação, mas também são referências para estruturar nossa subjetividade – emoções, sentimentos e pensamentos, mecanismos estes desenvolvidos ao longo da evolução humana segundo os autores de neurociência consultados por Harari.

Os vínculos entre o processamento do conjunto espetacular de dados e informações produzidos pelos computadores mundo afora (Big Data) e a dimensão repetitiva e controlável das ações humanas poderão levar a autonomia da inteligência artificial até final do século XXI. A ficção científica ganha concretude.

O livro possui três partes. Em cada uma, questões são postas logo de início delas para amarrar o texto. Na primeira, *O homem sapiens conquista o mundo*, ele pergunta: “Qual a diferença entre humanos e outros animais? Como a nossa espécie conquistou o mundo?”. Na segunda, questiona: “Que tipo de mundo os humanos criaram? Como foi que o humanismo – culto ao gênero humano – se tornou a religião mais importante de todas?”. Por fim, na terceira, surge a pergunta: “Como a biotecnologia e a inteligência artificial ameaçam o humanismo?” (HARARI, p. 79; 163; 285).

O historiador diz que o humanismo, com características de poder imaginário, ideológico, próprio da religião, pode ser observado no liberalismo ou

comunismo. No caso do humanismo liberal, a base essencial é a liberdade. Porém, com os avanços da biotecnologia e a inteligência artificial o homem poderá perder o controle dela. Aqui temos o campo do domínio do que ele denomina de *dataísmo*. Esse pode ser expresso hoje nas ações dos hackers ou das grandes corporações digitais como Google ou Facebook.

Apesar da qualidade dos argumentos, baseada em ampla pesquisa, o próprio autor abre uma brecha que fragiliza a projeção da autonomia plena da inteligência artificial. Perseguindo os algoritmos quase como uma obsessão, o que revela sua visão funcionalista, ele esquece que a subjetividade não está circunscrita somente na previsibilidade como o próprio autor faz questão de salientar. Existe o acaso, o erro, ambos fundamentais para evolução humana.

Como afirma o antropólogo Edgar Morin (2008), na concepção de sua teoria da complexidade, o pensamento humano é definido como complexo tanto na condição do homem primitivo como naquela do tempo da comunicação midiática, na medida em que articula uma operação mental entre dois eixos de polaridade: a simbólica/mitológica/mágica e empírica/técnica/racional. É nessa conexão holística, indivisível, entre razão e emoção, que o homem cria o mito ou cinema, a arma de pedra ou computador. A despeito destas considerações, o livro *Homo Deus* é um belo texto, ousado, que deve ser lido por todos os interessados em discutir o passado e o futuro da humanidade.

Referências

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus**: uma breve história do amanhã. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MORIN, Edgar. **O método 3**: o conhecimento do conhecimento. Porto Alegre: Sulina, 2008.